

UM POUCO DA HISTÓRIA DO LAR DOS FILHOS DOS COMBATENTES

Seis dias depois da intervenção de Portugal no grande conflito mundial de 1914/18, um grupo composto por categorizadas figuras da invicta cidade do Porto, de que destacamos, sem desprestígio para qualquer outro, o eminente professor que foi o Dr. Alberto de Aguiar, lança naquela cidade um movimento de exaltação patriótica, propondo-se glorificar e alentar os que partiam para os campos de batalha e ao mesmo tempo amparar os filhos dos que perdessem a vida ao serviço da Pátria.



Estamos em Março de 1916. Assim nasce a «Junta Patriótica do Norte cujas funções se condensavam à propaganda patriótica e à assistência-socorro às vítimas da Guerra. A um movimento com tão nobres e elevados propósitos, chegam constantes adesões. E graças a elas, em 25 de Junho de 1917, a Junta Patriótica do Norte funda a Casa dos Filhos dos Soldados, instalando-a num prédio que para o efeito aluga na Rua de Cedofeita.

A Casa dos Filhos dos Soldados recolhe então os primeiros 50 órfãos de guerra, de ambos os sexos, alguns deles apenas com meses de idade. A obra vinga e prospera mercê de grandes dedicações, especialmente do núcleo Feminino de Assistência Infantil que trabalha agregado à Junta, e ao qual preside uma ilustre senhora D. Filomena Sequeira de Oliveira. Conjugando as suas funções de creche com outras, a Casa dos Filhos dos Soldados procura ministrar aos seus educandos, consoante as idades, a par duma sólida educação moral e cívica, uma instrução elementar primária, precedida do ensino "Jardim-Escola" e seguida de educação profissional nomeadamente em artes e ofícios.

Em 20 de Julho de 1934 a Junta Patriótica do Norte consegue ver realizada a sua aspiração, comprando por 110 contos a propriedade designada por "Quinta Amarela" na Rua Oliveira Monteiro, no Porto, com uma área total de 11.200m² incluindo 1.500 de habitação. Mas um ano depois, portanto em 1935, a Junta Patriótica do Norte começa a lutar com enormes dificuldades para manter a Casa dos Filhos dos Soldados. Tinham desaparecido, andavam dispersos ou desalentados muitos dos que com o seu entusiasmo e fé tinham criado uma obra que merecera ser distinguida, em 28 de Janeiro de 1921, com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre de Espada, Valor, Lealdade e Mérito. Iniciam-se as diligências no sentido da Junta Patriótica do Norte ceder à Liga dos Combatentes os seus bens, única instituição existente digna de ser considerada herdeira daquele prestante organismo.

As diligências arrastam-se, há necessariamente que acertar pormenores, preencher formalidades burocráticas. Mas finalmente, em 24 de Janeiro de 1938, a Liga dos Combatentes assina a escritura que lhe confere a posse da Casa dos Filhos dos Soldados. O acto realiza-se na presença de numeroso e selecto público, a ele tendo presidido o comandante da 1.ª Região Militar, general Schiappa de Azevedo.

Para a Casa dos Filhos dos Soldados vai principiar um período de transformações. Dão-se às instalações uma forma funcional, ao mesmo tempo que se dotam de equipamentos novos; elabora-se um regulamento; permite-se aos educandos uma preparação educativa enquadrada na época em que se vive. Nunca mais se pára. Vai-se de reforma em reforma, numa batalha que não admite tréguas para se poder elevar o estabelecimento ao nível educacional que o torne útil ao país.

Em 1947 por ter sido abolido, por determinação oficial, o regime de co-educação, a Casa dos Filhos dos Soldados passa a ser um estabelecimento de educação e ensino para o sexo feminino, mantendo a Liga dos Combatentes o propósito de fundar uma secção masculina logo que surja uma melhor oportunidade.

Decorridos alguns anos, em 1962, procede-se à transformação completa do velho edifício, tornando as suas instalações amplas, arejadas e apetrechadas com outro equipamento. Outras obras de construção se sucedem, só concluídas em 1968. É certo que toda a transformação da Casa dos Filhos dos Soldados se ficou devendo ao espírito dinâmico, empreendedor e inteligente do que foi fundador o secretário-geral da Liga aos Combatentes, João Jaime de Faria Affonso.

Obra com finalidades educativas encontrou, como é óbvio, generoso apoio dos Ministros das Obras Públicas, do Ultramar e do Exército e ainda da Fundação Calouste Gulbenkian. Mas um estabelecimento com funções tão específicas tem que sofrer constantes inovações. Por isso, em 1970, procura-se estruturá-lo nas concepções modernas que se impõem, passando a Casa dos Filhos dos Soldados a designar-se por Lar dos Filhos dos Combatentes.

Simultaneamente procede-se ao desdobramento do estabelecimento em duas secções, funcionando uma na Aguda e outra no Porto, possibilitando-se, deste modo, uma maior frequência de educandas. As alunas pertencentes à secção primária, por obsequiosa deferência da Fundação dos Armazenistas de Mercearia, são alojadas em edifício próprio daquela Fundação existente na Aguda, enquanto que as alunas que cursam os ensinos técnicos e liceal continuam instaladas na Quinta Amarela, no Porto.

O ano lectivo de 1970/71, nas duas secções, acusou um movimento escolar de 60 alunas, de idade entre os 7 e 18 anos. Tudo se prepara, porém no sentido de intensificar um melhor conhecimento do estabelecimento entre os sócios da Liga dos Combatentes com filhos em idade escolar, esperando-se que a população aumente consideravelmente no ano lectivo de 1971/72.

Educar, preparar a juventude para o trabalho, é uma tarefa ingente que obriga indubitavelmente ao dispêndio de muitas energias. A Liga dos Combatentes, à qual preside uma distinta figura de militar general Arnaldo Schulz, no cumprimento da sua acção cultural está cada vez mais empenhada no aperfeiçoamento de métodos de educação, elaborando programas pedagógicos que correspondam às reformas oficiais do ensino que estão sendo introduzidas no país para que este atinja a promoção económica e social a que aspiram todos os portugueses.

Lisboa, 01 de Setembro de 1971